

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Daiana Aparecida Gomes de Oliveira

O SUICÍDIO NA COMUNIDADE LGBT NO BRASIL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas.

Juiz de Fora

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Daiana Aparecida Gomes de Oliveira**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473021A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O SUICÍDIO NA COMUNIDADE LGBT NO BRASIL**, desenvolvido durante o período de março de 2018 a junho de 2018 sob a orientação de Célia da Graça Arribas, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Daiana Aparecida Gomes de Oliveira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O SUICÍDIO NA COMUNIDADE LGBT NO BRASIL

Daiana Aparecida Gomes de Oliveira¹

RESUMO

O artigo apresenta a conjuntura do suicídio na comunidade LGBT passando por uma análise sociológica. Propõe uma reflexão sobre as condições de vida dos LGBTs influenciada pela homofobia institucionalizada que se originou no Brasil Colônia. Embora os estudos sobre o tema sejam poucos, as referências bibliográficas se interligam para a construção do trabalho. Fatores como a violência física e moral são expostos como desenvolvimento para angústia dos indivíduos LGBTs que tiram a própria vida. Para desmontar esse cenário de desrespeito e preconceito é destacada a importância pelas lutas sociais. Partindo para a análise do suicídio na comunidade LGBT no Brasil, são apresentadas informações de ONGs como a GGB (Grupo Gay da Bahia), dados e relatos fornecidos pela ONU (Organizações das Nações Unidas), dentre outras pesquisas que remetem à situação social das pessoas LGBT no país, mostrando a vulnerabilidade que esse grupo minoritário é submetido, abordando a violência, as tentativas e as consumações do ato suicida.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Comunidade LGBT. Fenômeno Social. Brasil.

ABSTRACT

The article presents the context of suicide in the LGBT community through a sociological analysis. It proposes a reflection on the living conditions of LGBTs influenced by the institutionalized homophobia that originated in Brazil Colônia. Although the studies on the subject are few, the bibliographical references are interconnected for the construction of the work. Factors such as physical and moral violence are exposed as development to the anguish of LGBT individuals who take their own lives. To dismantle this scenario of disrespect and prejudice is highlighted the importance of social struggles. Starting from the analysis of suicide in the LGBT community in Brazil, information is presented by NGOs such as the GGB (Bahia Gay Group), data and reports provided by the United Nations (UN), among other studies that refer to the social situation of the people LGBT in the country, showing the vulnerability that this class of minorities is subjected, addressing the violence, the attempts and consumptions of the suicide act.

KEY WORDS: Suicide. LGBT community. Social Phenomenon. Brazil.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o suicídio na comunidade LGBT por consequências sociais. Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre o tema, poucos estudos são obtidos direcionados ao acontecimento ocorrido dentro dessa minoria que vivencia uma vulnerabilidade na sociedade. Neste artigo, minoria não é definida no sentido quantitativo, onde um grupo pode ser considerado menor pelo seu tamanho em relação aos outros. É exposta no sentido descritivo, possuindo a intenção de mostrar a segregação sofrida por um determinado grupo social desfavorecido. Na sociologia, o suicídio é trabalhado principalmente por Émile Durkheim em sua obra "O suicídio", e por Karl Marx em "Sobre o suicídio". Quanto aos estigmas criados em torno da vida sexual dos LGBTs até mesmo pela ciência, na obra "Além do Princípio do Prazer", Sigmund Freud apresenta novos conhecimentos sobre sexualidade humana que desvalidam as justificativas para homofobia permanecer na sociedade. No livro "Suicídio - já parou pra pensar?", a estudante de medicina Anna Maria

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: daianagolivers@gmail.com Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas.

Victória Zandoná Mack, tem sua autoria destinada ao suicídio LGBT colocando-o como um saldo do estresse de minorias, podendo ser relacionado com o estudo produzido por Marx que veremos mais adiante. Podemos pontuar que o ato de se suicidar nunca foi um simples fato de renúncia da vida. O suicídio é acima de tudo formulado moralmente pela sociedade, que, por sua vez, incorpora determinadas ideias, pensamentos e ações que são identificados pelos seus membros, atingindo positivamente ou de forma negativa um determinado grupo.

Na abordagem de Durkheim, o suicídio é explicado de maneira que se persiste em uma constância ou aumento devido ao fato de que o grupo social é formado por ideias, pensamentos e ações coletivas que não se modificam facilmente, e se repetem ao decorrer dos anos como potencialização para o ato. Tendo em vista que toda sociedade tem uma tendência suicida, seja maior ou menor, as frustrações pessoais, seja qual for seu grau, não é vista como a razão do ato. O fator determinante é encontrado nos vínculos sociais que desfaçam ou mantém o indivíduo entrelaçado à vida social, sendo destacada a importância de haver o equilíbrio nas relações sociais.

Karl Marx relata o fenômeno em sua obra “Sobre o suicídio” estabelecendo a relação entre estrutura da sociedade e a vida privada. Colocando em pauta os sofrimentos que os indivíduos são submetidos a enfrentar na interação social de uma sociedade capitalista, alegando que a mesma está doente em todos seus setores, sendo que o suicídio é um ato de extremidade ocasionado por esta. Propondo, portanto, uma cura através de uma mudança radical no modelo a qual a sociedade encontra-se inserida, não resultando apenas em benefícios políticos e econômicos, mas também proporcionando melhorias nas relações sociais e no mal-estar social que atinge os indivíduos.

Antes de adentrar no assunto, Anna Maria Victória explica sobre identidade de gênero e orientação sexual. Em sequência, a autora produz uma reflexão de forma histórica sobre a homossexualidade e a transgeneralidade, onde por estigmas religiosos as identificações e práticas que se desviam do modelo social são condenadas. Nessa construção heteronormativa, a ciência percorre um caminho errôneo ao destinar a homossexualidade como doença, esperando que o público LGBT fosse mais bem compreendido e recebido pela humanidade. Porém, tais ações voltadas para comunidade trouxeram a nítida percepção de que ao caracterizar a homossexualidade como doença mental, resultou em uma hostilidade na mesma dimensão ocorrida pela interpretação religiosa. Apesar de a homossexualidade ter sido retirada do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM) em 1973, atualmente a transexualidade segue registrada como transtorno de identidade de gênero, sendo tratada pela saúde pública e pelos órgãos jurídicos com descasos e constrangimentos proporcionados às pessoas trans durante o processo de comprovação do transtorno, por um período de dois anos. Durante esse tempo, o indivíduo passa por sofrimentos que o direciona, por exemplo, à depressão, uma das principais causas de suicídio no mundo, como a autora esclarece. Uma informação importante é que mesmo quando ocorre a cirurgia para mudança de sexo, socialmente os indivíduos trans sofrem com a exclusão, sendo rejeitados com ou sem cirurgia. Sintetizando, os suicídios cometidos depois do pós-cirúrgico não é devido à mudança de sexo, mas pelo fato de continuarem não sendo bem recebidos socialmente.

Sobre a sexualidade humana, Freud descobre que o ser humano é o único animal que é movido pela pulsão e não por extintos. Nessa definição é percebido que não há nenhum objeto sexual estipulado que satisfaça a pulsão. Partindo assim, para a afirmação que todos os seres humanos possam ser bissexuais, podendo, por sua concepção, naturalizar a homossexualidade e proporcionar a autonomia dos indivíduos escolherem o seu próprio objeto sexual de acordo com seus desejos. Portanto, a psicanálise tem grande influência que é necessária ser usada nas políticas públicas para desmistificar essa desaprovação da homossexualidade construída por condutas socioculturais.

Na discussão sobre as mortes LGBT, o Brasil apresenta o maior índice de violência contra essa população, sendo fortalecida pela impunidade que há para com os crimes ocorridos diariamente no país. Tratados com descaso, os assassinatos não são registrados como crime de ódio e punidos como tal. Sem haver contabilidade oficial pela justiça brasileira, os registros dos assassinatos e suicídios são produzidos pela ONG Grupo Gay da Bahia (GGB), que defende os direitos dos LGBTs, trazendo em seus relatórios números preocupantes que vêm crescendo anualmente.

Para entender a origem do preconceito contra os LGBTs, um estudo sobre a formação social brasileira é de extrema necessidade para concluirmos que o Brasil se ergueu com base em valores morais e religiosos impostos pelos colonizadores europeus. Essa estrutura social permanece atualmente com os reflexos dessa

formação curvada aos conceitos de ordem e poder divino para aprisionar a sociedade na ocultação de seus desejos, e reprimir seus membros. Essa conduta reflete em todos os grupos sociais, predominando a discriminação em todos ambientes de convívio do indivíduo. Portanto, há o objetivo de fazer uma interligação com essa questão de homofobia institucionalizada e como ela motiva atos suicidas, faltando sobretudo o equilíbrio social onde é prioritário prevalecer o respeito entre a sociedade e o indivíduo. As pesquisas documentadas pelo GGB mostram o aumento dos casos de violência e trazem uma leitura sobre o suicídio sintetizando os motivos desde a infância por um ângulo social.

Ao retratar conquistas e espaços que a comunidade vem adquirindo deve-se destacar a importância da luta por direitos. Pois é através das lutas que o Estado passa a tomar medidas cabíveis que deveriam ser ofertadas por natureza para garantir o direito da vida e liberdade dos grupos minoritários.

2. O SUICÍDIO NA COMUNIDADE LGBT VINCULADO À HOMOFOBIA E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL NO BRASIL

O Brasil é hoje o país com a liderança de assassinatos vinculados à LGBTfobia. As Nações Unidas no Brasil aponta que, em média, o brasileiro tem uma expectativa de vida estimada até os 75 anos. Já uma pessoa trans tem sua expectativa média até os 35 anos. Isso se torna evidente sabendo que a cada 27 horas uma pessoa é vítima fatal pela transfobia no país. E vai além abrangendo toda população LGBT, estimando-se que a cada 19 horas uma pessoa é vítima de assassinato ou suicídio, segundo dados divulgados por pesquisas realizadas pelo Grupo Gay da Bahia. Em seu site “Quem a homofobia matou hoje?”, o Grupo apresenta a idade média entre as vítimas de assassinatos LGBT por um período de 16 anos e o crescimento dessa violência conforme representado respectivamente nas imagens², evidenciando a negligência que há na proteção dessa comunidade.



Figura I - Idade média dos LGBT assassinados

Fonte: Site Homofobia mata

² Idade Média dos LGBTs Assassinatos – Imagem extraída do link:

<<http://www.carosamigos.com.br/index.php/cotidiano/10937-orcamento-para-combate-a-homofobia-e-zero-em-2017-brasil-lidera-assassinato-de-lgbts>>

Crescimento dos Assassinatos – Imagem adaptada do link:

<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/20953618_1467449846673165_3559494824739976429_n1.jpg?w=560>

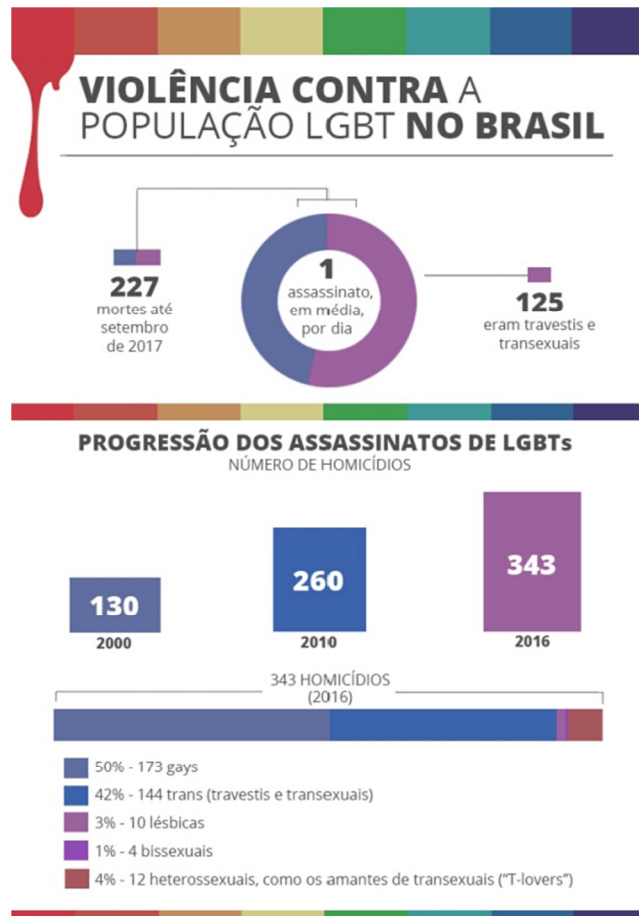


Figura III - Crescimento dos assassinatos

Fonte: Adaptada do site Homofobia mata

Os números crescem e a maioria dos casos termina sem punições, ou se quer têm aberturas de processos. Tais acontecimentos são impulsionados pela disseminação do ódio existente na formação social do Brasil, onde temos em questão a homofobia institucionalizada possuindo ligação com a cultura heteronormativa. Na figura II, temos uma observação crítica sobre os homicídios ocorridos em 2016, onde os maiores números de crimes são cometidos contra gays e trans, trazendo claramente a imposição que a sociedade exerce sobre o gênero masculino, quanto ao seu papel social de ocupar a dominação e manter uma postura viril que não abale esse domínio. O preconceito, o desrespeito pelas diferenças está nos núcleos sociais dos pequenos aos grandes grupos que inferiorizam o indivíduo que não segue o padrão da maioria. John Stuart Mill (2000) alerta, em "A Liberdade", o perigo que essa "tirania da maioria" possui delimitando a liberdade individual, submetendo o indivíduo ao controle moral da sociedade que rouba o pertencimento de si próprio. Propõe a necessidade de preservar uma minoria e defender os seus direitos contra os abusos da maioria privilegiada. O aumento frequente de ataques à comunidade LGBT é fomentado na falha da preservação dos direitos individuais e coletivos, que deve ofertar segurança igualitária sem distinção.

Primeiramente, ao se tratar de homofobia, encontramos sua origem em um contexto histórico, onde há a grande falha na idealização de perfeição baseada em julgamentos morais dentro das famílias tradicionais, escolas e igrejas que constituem a sociedade e cultura brasileira. O país colonizado por portugueses recebeu o Catolicismo como a formação religiosa pioneira. Logo adiante, fortes correntes Neopentecostais se expandiram e continuam predominantes até hoje. Em "Casa Grande e Senzala", Gilberto Freyre detalha que conceitos como homossexualidade, bissexualidade, transexualidade eram naturais nas aldeias indígenas brasileiras. A atração sexual entre pessoas do mesmo sexo sempre foi bem recebida na comunidade indígena, e eram direcionados papéis sociais importantes e representativos aos índios com a sexualidade amplamente desenvolvida. Com a chegada dos europeus, o cenário de preconceito se instala no Brasil Colônia. Apesar de a laicidade ser uma

qualidade do Estado, o discurso de certo e errado pelas religiões europeias não deixaram de refletir em todo convívio social. Exemplo disso são parlamentares que desrespeitam o regime constitucional usando de suas crenças religiosas dentro do parlamento.

Em um segundo olhar sobre a homofobia, devemos associar a relação entre o combate a esse preconceito e a reação social sobre ele. O combate à LGBTfobia vem ganhando espaço midiático e social, onde propaga o respeito humano, a luta por direitos igualitários, e a conscientização da população que ainda discrimina os LGBTs. Em contraposição, nos deparamos com respostas em forma de ataques virtuais às publicações que pregam a dignidade e o respeito. Os opressores agem em sua consciência da falta de punição, e se sentem livres para serem autoritários com suas convicções e pensamentos, colocando-os em prática. O resultado ultrapassa os ataques por de trás das telas e ganham forças presenciais com diversas formas de violências, sendo agressões físicas e morais, que desenvolvem além de doenças psicológicas, a morte dos indivíduos. É necessário ser exposto que em todo esse contexto do preconceito à população LGBT, a exclusão social é uma consequência predominante. A mesma desencadeia variados problemas na forma de vida das vítimas, uma vez que seus passos são limitados por pessoas que discriminam o grupo que não se encaixam aos padrões de gênero e orientação sexual. As amplas áreas com qualidade como a da saúde, do trabalho e da educação, por exemplo, oferecem tratamentos desiguais entre a população trans e homossexual em relação à população cis e heterossexual, deixando, assim, a comunidade LGBT às margens sociais, possuindo os empregos com maior força de trabalho excessiva e barata ou até mesmo o desemprego, com dificuldades e negações ao acesso de direitos públicos, desencadeando uma série de conflitos que atingem os indivíduos internamente e externamente.

Durkheim acentua que para existir o bem-estar e a felicidade do indivíduo, é necessário um equilíbrio que precisa existir entre suas exigências, expectativas e os meios socialmente acordados. Sem esse equilíbrio, os indivíduos passam a desenvolver ações coletivas que designam aos fenômenos sociológicos. O desequilíbrio ganha força através do extremo que pode desarmonizar e trazer a insatisfação na vida social, onde muitas das vezes as pessoas recorrem aos atos como o suicídio, afetando um grupo representante de minorias destacadas em relação ao padrão sociocultural. Esse extremo é composto por crises recessivas e crises de prosperidades, ou seja, a extrema falta ou o extremo exagero nas relações sociais. Na obra "O Suicídio", o fenômeno é separado em três principais tipos: suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico.

De acordo com Durkheim (2000, p. XXVI – prefácio):

- a) suicídio egoísta: que seria motivado por um isolamento exagerado do indivíduo com relação à sociedade, que o transforma em um "solitário", um marginalizado, que não possui laços suficientemente sólidos de solidariedade com o grupo social;
- b) suicídio altruísta: que está noutro extremo, ou seja, quando o ser humano está não mais desligado da sociedade, mas ao contrário está demasiadamente ligado a ela;
- c) suicídio anômico – o mais significativo para os fins de sua obra –, que vem da noção de anomia, a ausência de normas. O suicida por anomia é aquele que não soube aceitar os limites morais que a sociedade impõe; aquele que aspira a mais do que pode, que tem demandas muito acima de suas possibilidades reais, e cai, portanto, no desespero.

Dessa maneira, o suicídio é analisado conforme a relação existente entre o indivíduo e a sociedade, e os três tipos se consolidam nas mortes LGBTs. Ainda explica que ao premeditar o suicídio, o indivíduo possui consciência que o resultado do seu ato é o encerramento da vida.

2.1. O SUICÍDIO LGBT E A LIGAÇÃO COM OS CONFLITOS SOCIAIS

O suicídio, em geral, vai muito além do que se possa pensar como decorrências de doenças psicológicas. Entre os pilares de qualquer desconforto, existem inúmeros acontecimentos que vêm de fora para dentro estruturando-se para o mal estar social. A população LGBT sofre nitidamente esses acontecimentos

negativos diariamente vindos da vida coletiva, passando por restrições e injustiças que desencadeiam o sentimento de não pertencimento e de medo, como foi abordada um pouco antes por Stuart Mill a relação do perigo da tirania da maioria contra as minorias. Anna Maria Victória sintetiza que ainda o suicídio não é interpretado pelo modelo de saúde aceitando os acontecimentos sociais e individuais, sendo tratado apenas como uma disfunção neuroquímica. A autora expõe o enquadramento de todas as sexualidades serem direcionadas ao padrão heteronormativo, pelo qual a LGBTfobia é legitimada através do pressuposto que o casal heterossexual reprodutivo é considerado como modelo padrão e normal para organizar a sociedade.

A homofobia no Brasil é fundamentada e impera fortalecida dentro e fora de casa, sendo a mais esclarecida razão para os suicídios LGBTs. O conceito de padronização de família já é um fator inicial para exercer a cultura heteronormativa que se constitui nos lares e nos outros meios sociais, resultando no crescimento das crianças direcionado ao padrão sexual e reprodutivo, de maneira que venha a entender que qualquer desvio desse caminho apresentado na infância é considerado anormal. A questão recentemente levantada na câmara dos deputados sobre a “cura gay”, querendo tratar a homossexualidade novamente como uma doença psicológica nos mostra como a sociedade persiste nesses estigmas desconstruídos pela ciência, um fato que explica o porquê das próprias repressões que o indivíduo se coloca ao descobrir sua orientação sexual, gerando a infelicidade e a insatisfação. A rejeição e a violência da família traz a insegurança de não serem aceitos socialmente e principalmente de não terem onde se apoiar contra as atrocidades sociais que a homotransfobia promove. Os ataques homofóbicos não são de origem exclusiva da instituição familiar. É claro que o primeiro contato com os valores morais são passados pela família, porém esses valores que estão enraizados no núcleo tradicional são reflexos de uma sociedade arcaica que propaga o desrespeito humano e priva o direito de liberdade, passando por cima de qualquer conduta moral e humana merecida pelos indivíduos. Anna fala sobre a população LGBT não possuir apoio emocional, passando pelo “estresse de minorias” onde as principais causas de estresses dos indivíduos são formuladas em esconder sobre a sua sexualidade e gênero, a LGBTfobia institucionalizada e os acontecimentos preconceituosos e violentos, que afetam o psicológico. Condutas preconceituosas não nascem com ninguém. Elas são ensinadas na infância e reproduzidas adiante. Para exaurir a homofobia, é necessário haver uma reeducação dos comportamentos e da moral da sociedade. *“Cada nova geração é educada pela que precede; é preciso, pois, que esta última se corrija para corrigir a que segue. Giramos em círculo.” (Durkheim, 2000, p. 487)*

No Brasil não há um estudo amplo produzido sobre a sexualidade e suicídio como já explicitado anteriormente. Mas só neste ano, a GGB produziu um relatório das mortes de LGBTs contabilizadas até 15 de maio. Dos 153 mortos pela homotransfobia, 42 se suicidaram. Em comparação com os casos de 2017 (considerado o ano com o maior número de mortes desde que a associação coleta e divulga esses dados), o número de suicídios em 2018 se aproxima do ano anterior, que foram contabilizados 58 casos em meio aos 445 registros das mortes de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e uma pequena parcela de pessoas héteros que geralmente saíram em defesa contra a violência homofóbica, ou até mesmo por possuírem algum tipo de vínculo com os membros da comunidade.

Entre os registros de suicídios de 2017, está o ex-estudante de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Nicholas Domingues. Ele era um homem trans que militava principalmente sobre a importância das lutas pelos direitos serem efetivados de forma coletiva, beneficiando não somente a população trans, mas trazendo mudanças para sociedade ser justa para todos. Em um discurso escrito e datado em 07 de junho de 2017, ele traça o encaminhamento para o suicídio apontando o cenário de violência, preconceito e opressão contra a população LGBT. Ao acentuar as condições de vida de pessoas transexuais, é possível sentir que a sociedade carrega as mortes não apenas com as mãos sujas de sangue, mas também de forma silenciosa e aparentemente sem culpados, uma vez que a existência dessas pessoas é ignorada socialmente.

Assim, os pensamentos suicidas fazem parte do cotidiano daquela pessoa que não se identifica com o gênero imposto a ela ao nascer, porque como se não bastasse todo o sentimento em relação ao corpo, temos que aguentar a opressão e enfrentar diariamente os olhares esquisitos no banheiro, temos que aguentar nossos nomes desrespeitados e a falta de oportunidades no mercado de trabalho e uma junção disso tudo, meu querido, mata. E mata muito. (Nicholas, 2017)

Existe uma grande probabilidade de que o número de mortes sejam maiores devido ao fato de não serem estatísticas oficiais contabilizadas adequadamente pelos órgãos de segurança pública. A GGB consegue com muito desempenho localizar e registrar os casos através dos noticiários, estudos e denúncias feitas. Em seu site “Quem a homofobia matou hoje?”, ao registrar os casos individualmente nas *causas mortis*, o suicídio é mostrado de forma que se localiza em todas as esferas hostis da sociedade. Um estudo produzido nos Estados Unidos pela Universidade da Columbia aponta que os jovens homossexuais estão cinco vezes mais propensos às tentativas e realizações do suicídio do que os jovens heterossexuais. A pesquisa considera que quanto mais os lugares forem receptivos, menor é a chance de jovens homossexuais se suicidarem. Infelizmente, o cenário social brasileiro é completamente hostil com os LGBTs. Crescer na educação sexista regida pela cultura heteronormativa é ser destinado a caminhos opressivos, resultantes de frustrações, ódio de ser quem é, baixa autoestima, dentre outros comportamentos que afastem os indivíduos dos seus grupos sociais e produzam tendências suicidas.

Nos esclarecimentos dos casos de suicídios que estão registrados pela GGB, podemos associar a ideia de cura da sociedade doente por Marx, sendo notável que o Brasil necessite de políticas públicas inclusivas que modele um novo sistema de relações sociais aos LGBTs tratando-os com igualdade para que o fenômeno seja desmontado, juntamente com leis que punam qualquer tipo de violação física e psicológica produzida pela LGBTfobia. As descrições dos suicídios dos LGBTs encontrados no site “Quem a homofobia matou hoje”, além de alertar sobre a invisibilidade que a sociedade procura manter em relação à comunidade, carrega a reflexão de que a moral da sociedade brasileira está enfraquecida e falha com o respeito ao próximo. Apresentam-se aqui algumas notícias sobre os registros fornecidos pelo Grupo Gay da Bahia:

Amigos e o próprio jovem relataram pela rede, a grande homofobia da família que não aceitavam a orientação sexual de Yago...

‘O pai e a mãe dele faziam um martírio diário na vida dele, por não aceitar sua sexualidade. Eram coisas muito pesadas que diziam a ele, não aguentou toda essa situação’

O jovem cometeu suicídio por enforcamento na cidade de Sapé, na Zona da Mata da Paraíba, na residência do jovem, no centro da cidade próximo a um colégio. O ocorrido chocou os amigos e a população do município. (GGB, 2018)

Segundo relatos pela mídia e na rede social, N. era filho de pais evangélicos, e sofria bullying na escola por que seria “afeminado”. No dia de ontem, após receber uma advertência da professora, o menino pulou da janela, no segundo andar da escola, e veio a óbito. (GGB, 2018)

Jovem era Assist. Social, militante gay e sindical, era muito religioso, cometeu suicídio no RN. Há comentários que o mesmo estaria sofrendo com assédio moral no local de trabalho e que estava em tratamento contra depressão. (GGB, 2018)

Segundo relatos nas redes, jovem não aguentou as violências homofóbica e se jogou da ponte de ferro, e caiu na avenida. Pessoas em volta gritando palavras de ofensa e duvidando que ele pulasse quem assistiu contou que foi triste demais. Pouco antes de cometer suicídio, Leone deixou mensagens de indignação contra a homofobia e de desesperança. Segundo um amigo de Leone, que pediu para não ser identificado, o rapaz sofria de depressão: ‘Ele sofria bullying pela forma de se vestir, por sua opção sexual. “Ele sempre postava nas redes sociais frases negativas, não estava aguentando”, menciona. (GGB, 2018)

Essas realidades são vivenciadas dia após dia pelos homossexuais, e tornam-se agravantes conseqüentemente. Esses quatro relatos são nítidos esclarecimentos de como o preconceito armado de ódio vem tirando vidas em todos os ambientes sociais. O suicídio é visto como uma válvula de escape do indivíduo que sofre por ser diferente dos seus grupos padronizados. Mudar essa perspectiva é acima de tudo uma revolução pela dignidade humana.

3. AS LUTAS SOCIAIS CONTRA A LGTFOBIA NO BRASIL

O movimento LGBT no Brasil é considerado um acontecimento recente. A luta começa no país em 1970 (período ditatorial) e se fortalece na década de 1980, buscando a conquista dos direitos do grupo. Mais adiante, no ano de 2004, pode-se destacar a importância do programa “Brasil Sem Homofobia” nascido pela união de um discurso acontecido entre a sociedade civil organizada e o Governo Federal, visando combater a discriminação e a violência direcionada ao público LGBT, preservando e promovendo os direitos humanos e a inserção social. Sob a responsabilidade do Programa, em 2008 foi realizada a primeira conferência Nacional LGBT no Brasil colocando em pauta os Direitos Humanos e as Políticas Públicas que devem ser aplicadas para chegar à validação da cidadania para os integrantes da comunidade. A visibilidade vem se tornando crescente, e as pessoas passam a ter noção sobre seus direitos, começando a lutar por eles. Karl Marx destaca a importância da luta de classes para as mudanças sociais ocorrerem, funcionando como um motor que move para a tomada dos direitos. Sem as lutas políticas nada haveria sido conquistado. Muitas conquistas através da militância já possuem um enorme significado. Como, por exemplo, o direito da união estável entre casais homossexuais que foi aprovado pelo STF no dia 10 de maio de 2017 e também a adoção de crianças por uma decisão jurídica ocorrida em 27 de abril de 2010. As pessoas transexuais e travestis também conquistaram o direito do uso do nome social, através do decreto Nº8.727 decretado em 28 de abril de 2016 pela Presidenta da República Dilma Rousseff.

O dia 17 de maio é marcado por ser o dia Internacional contra a Homofobia. Embora isso seja universal, existem 72 países que criminalizam a homossexualidade. Dentre esses, 13 fazem parte da massa de punição com pena de morte, conforme relatório produzido pela Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais. No Brasil está em andamento o Projeto de Lei (PL 7582/2014) de autoria da Deputada Federal Maria do Rosário, que visa criminalizar a homofobia, sendo crime de ódio e intolerância, possuindo articulações para impedir a prática homofóbica.

As majorias dos casos ficam sem punições, e quando são registrados caem nas estatísticas de violências em geral. Portanto, o Estado permanece sem ofertar segurança para a população LGBT, deixando o caminho livre para permanência desses crimes. A relação consolidada entre o crime e a falta de punições é explicada tanto no “O Suicídio” quanto no texto freudiano, “O Mal Estar da Civilização”. O primeiro produz que:

Se é normal que haja crime, é normal que sejam punidos. A penalidade e o crime são os dois termos de um par inseparável. Qualquer afrouxamento anormal do sistema repressivo tem por efeito estimular a criminalidade e lhe conferir um grau de intensidade anormal. (Durkheim, 2000, p. 473).

O segundo mostra que quanto mais invisível for aos olhos da justiça, maior será sua permanência e aumento. *“Por conseguinte, tais pessoas habitualmente se permitem fazer qualquer coisa má que lhes prometa prazer, enquanto se sentem seguras de que a autoridade nada saberá a respeito, ou não poderá culpá-las por isso; só têm medo de serem descobertas.”* (Freud, 1930, p. 36)

Entre os órgãos que possuem representatividade nas sociedades, a ONU pode e deve ser uma importante aliada na luta do universo LGBT no mundo todo, uma vez que possui a capacidade de proteger os direitos humanos e intervir diretamente com ações imediatas. Uma de suas principais ações atualmente é campanha livres e iguais fundamentada no Artigo 1.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde fica estabelecido que: *“todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”* Portanto, buscam tratamentos justos e igualitários para as pessoas LGBT que sofrem diariamente com os preconceitos sociais sejam no trabalho ou na dificuldade para conseguir um emprego, tendo acessos negados a cuidados básicos na saúde pública, no âmbito escolar quando desde a infância já são vítimas de bullying e são recusados pelo sistema educacional, sem contar a dolorosa rejeição vivenciada no seio familiar, fatores estes que potencializam o suicídio.

Contudo, obtenha-se o entendimento que é necessário luta e resistência para que ocorra a transformação social, onde possa existir o respeito, a aceitação pelas diferenças. Essa luta é um dever de todos para construir uma sociedade harmoniosa e equilibrada, não apenas da comunidade LGBT como reforça Marcelo Cerqueira, atual presidente da GGB.

É preciso que a sociedade se conscientize que defender os direitos civis dos homossexuais é um processo de civilidade. E a garantia desses direitos deve servir para aperfeiçoar as relações entre as pessoas e preservar todos os Direitos Difusos e Coletivos da Humanidade. (Cerqueira, 2010)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o suicídio na comunidade LGBT é um fenômeno social que não está sendo desmontado. Ao contrário disso, vem sendo registrado frequentemente todos os anos por um mesmo caminho onde o indivíduo sofre demasiadamente com a homotransfobia. As tentativas e as consumações dos atos são os extremos dos reflexos da hostilidade direcionada a eles. Enquanto isso for presente, será preocupante e de responsabilidade de todos. Em geral, os LGBTs que não se suicidam sofrem diariamente em todas as esferas da sociedade, levando um peso impróprio por serem o que são. A falta de políticas públicas efetivas em prol dessa classe desfavorecida é uma das principais causas de todo esse preconceito que promove o suicídio. É importante que eduquem as crianças nas escolas, que conscientizem os adultos através de programas governamentais, para que o respeito pela diferença seja passado dentro de casa também. As criações de leis é uma forte aliada para assegurar a melhoria de vida dos indivíduos da comunidade, evitando tanto os homicídios, quanto os suicídios.

Por fim, embora o Brasil seja formado por um sistema democrático, podemos dizer que, infelizmente, a democracia não se cumpre para todos. Temos a necessidade do crescimento da luta por direitos e condições humanas que garantam a igualdade para a população LGBT. A união da comunidade é crucial para pressionar o governo e a justiça brasileira, que durante todo esse tempo vêm se mostrando parciais ao que lhes convém, esquecendo-se de exercerem os processos civilizatórios que são obrigados ofertarem para todos sem quaisquer distinções.

Sobre estudos do tema, principalmente na área da sociologia, pouco é encontrado tanto no Brasil como no mundo todo, o que mostra como a sociedade e a ciência não aprofundam na revisão das condições dessa minoria social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em 24 de abril de 2018
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. 2008. **Anais da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais -GLBT. Direitos Humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de GLBT**. Brasília: SEDH-Presidência da República
- BRASIL. **Decreto nº8.727**, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Diário Oficial, Brasília, DF, 29 abril 2016. Seção 1 p. 1.
- CASADO, Leticia. 2017. **STF equipara os direitos de herança em união estável e casamento civil**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1882922-stf-equipara-os-direitos-de-heranca-em-uniao-estavel-e-casamento-civil.shtml>>. Acesso em 02 de junho de 2018
- CERQUEIRA, Marcelo. **Punir a homofobia deve ser um desejo de toda sociedade**. Disponível em <<http://www.ggb.org.br/editorial.html>>. Acesso em 24 de abril de 2018
- CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. **Brasil sem homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção à Cidadania Homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- DANTAS, Pamela Rayssa dos Santos. 2013. **Possibilidade jurídica de adoção por homossexuais**. Disponível em <<https://jus.com.br/artigos/24926/possibilidade-juridica-de-adoacao-por-homossexuais>>. Acesso em 02 de junho de 2018
- DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FACCHINI, R; FRANÇA, I. L.. **De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro**. In: Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, 2009.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000 (1. ed.: 1933).
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930). Rio de Janeiro, Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 21).
- FREUD, S. (1976a). **Além do princípio do prazer (vol.XVIII)**. Rio de Janeiro: Imago.
- GGB. **Registro de mortes em 2018, categoria: suicídio**. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/category/2-caoa-mortis/suicidio-caoa-mortis/>>. Acesso em 02 de junho de 2018
- _____. **Notícias de suicídio em 2018**. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/2018/03/14/y-o-suicidio-pb-sape/>>. Acesso em 02 de junho de 2018
- _____. <<https://homofobiamata.wordpress.com/2018/05/24/nicolas-henrique-estudante-12-anos-suicidio-mg-ipatinga/>>. Acesso em 02 de junho de 2018
- _____. <<https://homofobiamata.wordpress.com/2018/03/12/ailton-maciel-assist-social-suicidio-rn-sao-goncalo-do-amarante/>>. Acesso em 02 de junho de 2018
- _____. <<https://homofobiamata.wordpress.com/2018/02/06/laone-emanuel-tosta-suicidio-es-cachoeiro-de-itapemirim/>>. Acesso em 02 de junho de 2018

- _____ **Dados 2018: Mortes de LGBT no Brasil (1º Quadrimestre)**. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2018/05/relatc3b3rio-ggb-1c2baquad-20181.pdf>>. Acesso em 03 de junho 2018
- _____ **Pessoas LGBT mortas no Brasil: Relatório 2017**. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/2017-2/>>. Acesso em 03 de junho de 2018
- JUNQUEIRA, R. **Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.
- MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. In: Marx, K.; Engels, F Obras escolhidas.
- MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo; 2006.
- MILL, J. S.. **A Liberdade/ Utilitarismo**. Martins Fontes, 1ª ed. 2000.
- Mott, L. & Cerqueira, M. (2000). **Causa mortis: homofobia. Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil**. Salvador: Grupo Gay da Bahia.
- ONUBR. **ONU quer medidas efetivas para proteção dos direitos humanos da população LGBT**. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/onu-quer-medidas-efetivas-para-protecao-dos-direitos-humanos-da-populacao-lgbt/>>. Acesso em 04 de junho de 2018
- _____ **Livres e iguais**. Disponível em < <https://nacoesunidas.org/campanha/livreseiguais/>>. Acesso em 04 de junho de 2018
- Revista Galileu. «Jovens homossexuais têm mais tendência ao suicídio, diz estudo». Acesso em 11 de março de 2018.
- SILVA, Douglas. **Gênero e sexualidade**. Esquerda Diário; 2017. Disponível em <<http://www.esquerdadiario.com.br/Mais-uma-vitima-da-transfobia-Nicholas-militante-do-PCB-presente>>.
- Acesso em 14 de junho de 2018
- Suicídio [livro eletrônico]: já parou pra pensar?** Luzia Venâncio Zanluqui, Maira Bonafé Sei (Organizadoras). – Londrina: UEL, p.39-55,2017. Disponível em <<http://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/publicacoes.php>>.
- Acesso em 28 de abril de 2018
- Torres MA. **A Diversidade Sexual na Educação e os Direitos LGBT na Escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2010.